Dia 12 — A Aparição de Nossa Senhora de Guadalupe

Martirológio Romano

São Sinésio, mártir, em Roma; o qual, ordenado leitor no tempo do papa São Sixto, tendo convertido muitos a Jesus Cristo, foi acusado diante do imperador Aureliano e, sendo degolado, alcançou a coroa do martírio.

Os santos mártires Epímaco e Alexandre, em Alexandria; os quais, no tempo do imperador Décio, depois de haverem padecido uma longa prisão e diversos gêneros de tormentos, vista sua grande constância na fé, foram sentenciados a ser queimados vivos.

As santas mulheres Amonária, virgem, Mercúria, Dionísia e outra Amonária, na mesma cidade; das quais a primeira, na mesma perseguição de Décio, depois de vencer tormentos nunca ouvidos, ao golpe da espada chegou ao glorioso fim do martírio. O juiz, afrontado de ver-se vencido por uma mulher e temendo que lhe sucedesse com as outras três o mesmo que com a primeira se executasse nelas os mesmos tormentos, mandou que logo fossem degoladas.

Os santos mártires Hermógenes, Donato e outros vinte e dois, no mesmo dia.

Os santos mártires Maxêncio, Constâncio, Crescêncio, Justino e seus companheiros, em Tréveris; os quais, na perseguição de Diocleciano, padeceram por sentença do presidente Ríccio Varo.

A Aparição de Nossa Senhora de Guadalupe do México

Nenhuma das províncias que formam o mundo cristão pode queixar-se de não haver tido sempre pronta a proteção de Maria; antes pelo contrário, em todas elas manifestou esta Senhora que é

verdadeira Mãe dos pecadores, antecipando as mais das vezes seus benefícios às necessidades e aos desejos. A Espanha tem entre todas tão repetidas experiências desta verdade que somente em sua península pode oferecer exemplares autênticos e da maior exceção que persuadam o mundo inteiro de que Maria não pode olhar os Cristãos senão com olhos de misericórdia. Desde aquele instante em que, segundo uma antiga tradição, quis alentar as penosas fadigas do apostolado, aparecendo visivelmente a Santiago às margens do Ebro, não cessou esta Mãe amorosíssima de repetir suas piedades nas maiores aflições. Apenas viu que os povos que havia tomado sob seu patrocínio eram oprimidos da fome, da peste ou da guerra, imediatamente desdobrou as asas de sua proteção, acudindo qual solícita mãe ao socorro de seus amados filhinhos. Não somente com este fim, mas com o de premiar as virtudes e obséquios particulares que lhe fizeram alguns servos seus, viu-se esta Rainha amabilíssima descer das moradas celestiais para recrear e premiar seus devotos com seus favores. Bem autêntica e celebrada é a descida de Maria santíssima na santa catedral de Toledo para presentear seu servo Santo Ildefonso com aquela sagrada vestidura fabricada no céu com que o santo Bispo dizia missa nos dias mais solenes e festivos. Não contente a Rainha dos Anjos com proteger os espanhóis dentro de seu recinto, seguiu-os com seus favores quando, enardecidos no zelo da honra de Deus e propagação do santo Evangelho, empreenderam as penosas e difíceis empresas do descobrimento e conquista de um novo mundo. Cortés, Pizarro e o português Vasco da Gama, nas muitas batalhas que deram aos gentios, experimentaram que Maria santíssima protegia suas expedições. O primeiro, com um curto número de soldados, conquistou todo o império do México, onde havia soldados aguerridos que não careciam tampouco de política e astúcia militar. Pizarro venceu com cento e cinquenta soldados um exército de duzentos mil peruanos; e na Índia Oriental fez prodígios não menos assombrosos o valoroso Gama. Mas semelhantes prodígios não se devem atribuir a forças e indústria humana; pois, não obstante o valor e perícia militar de tão esforçados espanhóis, teriam sem dúvida sido oprimidos da multidão se não fosse pela proteção de Maria. Viu-se esta Senhora repetidas vezes caminhar diante das hostes espanholas e cegar com pó as dos gentios, manifestando como um empenho de que se estabelecesse naquela região a religião de seu Filho Jesus Cristo.

Com efeito, viram-se cumpridos seus desejos por meio da famosa conquista de Cortés, que encheu o mundo de admirações e que, se não estivesse acreditada com monumentos tão autênticos, nas gerações futuras se creria uma conquista fabulosa. A religião do Crucificado tomou posse daqueles vastos domínios ao mesmo tempo que o rei Católico. Ao passo que se iam dissipando as trevas do erro e destruindo os templos dos ídolos, nos quais lhes ofereciam por vítimas inumeráveis meninos e donzelas que se degolavam sobre seus altares, fazendo uma horrível carnificina capaz de espantar a própria natureza, iam-se levantando templos ao Deus verdadeiro, nos quais se tributavam justíssimas adorações ao Fazedor de todas as coisas, oferecendo-lhe o sacrifício pacífico e agradável de seu unigênito Filho. Vendo a Rainha dos Anjos, do alto trono da glória, a copiosa messe que os obreiros evangélicos haviam recolhido naquelas regiões e que dos novos alunos do Evangelho se formava já uma igreja respeitável, quis dispensar-lhes as mesmas misericórdias que aos antigos espanhóis, honrando-os e felicitando-os com sua presença. Mal se contavam dez anos depois da conquista, quando, baixando visivelmente a Virgem Maria dos céus, apareceu a um índio simples e temente a Deus chamado Juan Diego, num monte próximo ao México, ordenando-lhe que fosse ao bispo desta cidade e lhe intimasse de sua parte que era sua vontade que naquele mesmo lugar se lhe edificasse um templo onde fosse venerada dos fiéis e onde a Senhora por sua parte lhes dispensaria sempre suas piedades. Esta aparição esteve tão

cheia de prodígios e de tão singulares circunstâncias que, testificadas autenticamente pela tradição constante daquelas gentes e pelos escritos dos mesmos índios, mereceu uma particular atenção da Sé apostólica. O Pastor universal da Igreja, não contente com haver concedido ao reino do México que celebrasse com festividade particular esta maravilhosa aparição, concedeu a toda a Igreja da Espanha que participasse igualmente do mesmo consolo. Esta é a festividade que celebramos neste dia, e cuja história autêntica, deduzida brevemente da que escreveu o bacharel Luís Becerra Tanco, presbítero e cura beneficiado do arcebispado do México, é como se segue:

Pelos anos do Senhor de 1531, aos dez anos e quase quatro meses do domínio dos espanhóis nas províncias mexicanas, no sábado, 9 de dezembro, um índio chamado Juan Diego saiu do povoado de Cuautitlán para passar ao templo de Santiago a ouvir a missa que se cantava a Maria santíssima. Era este índio humilde, simples, pobre e de uns costumes inocentes. Ainda que casado, era tal sua devoção à Virgem Maria que, deixando o leito nupcial antes de raiar a aurora, caminhava a pé para ter o consolo de ver celebrar os divinos mistérios que tinha arraigados em seu coração, juntamente com a fé de Jesus Cristo. Ao tempo de romper o alvor chegava ao pé de um pequeno cerro chamado Tepeyac, que está situado perto da lagoa mexicana, em cujo cume ouviu uma música suavíssima, como se fosse de multidão de canoros passarinhos que pareciam corresponder-se uns aos outros em harmoniosos e concertados coros. Sobressaltado da novidade, levantou os olhos e viu no alto do cerrinho uma nuvem muito branca e resplandecente e, no contorno dela, um arco formoso de várias cores, muito parecido com o íris, o qual se formava dos raios da luz que saíam do centro da nuvem, onde se percebia uma claridade excessiva. Semelhante visão era para causar no simples coração do índio alguma turbação e espanto; mas não foi assim, mas pelo contrário ficou como num doce arrebatamento e com um gozo tão extraordinário em seu coração que lhe parecia havê-se-lhe juntado dentro de sua alma a posse de infinitos bens. Em meio deste enlevo dizia o índio entre si: Que será isto que ouço e vejo, ou aonde fui levado, ou em que lugar do mundo me acho? Por ventura fui trasladado ao paraíso de deleites que chamavam nossos maiores origem de nossa carne, jardim de flores ou terra celestial oculta aos olhos dos homens? Em meio desta suspensão ouviu chamar-se por seu nome de uma voz sumamente delicada que saía de dentro da nuvem. Trepou a encosta a toda pressa e viu em meio da claridade uma formosíssima Senhora, muito parecida com a que depois foi pintada em sua tilma por ministério de Anjos. A Senhora despedia de si tais resplendores que transformava todas as coisas do monte, de maneira que as pedras e espinhos lhe pareciam ao índio ouro brunido, topázios, esmeraldas, diamantes e coisas ainda mais preciosas.

Tendo-se aproximado o índio, a Mãe de Deus com semblante aprazível disse-lhe: Filho meu, Juan Diego, a quem amo ternamente como a pequenino e delicado, aonde vais? Vou, nobre Dona e Senhora minha, respondeu o índio venturoso, vou ao México e ao bairro de Tlatelolco a ouvir a missa que nos dizem os ministros de Deus e substitutos seus. Ouvindo isto a Virgem santíssima, declarou-lhe suas intenções e o motivo de sua aparição, dizendo-lhe desta maneira: Sabe, filho meu muito querido, que eu sou a sempre Virgem Maria, Mãe do Deus verdadeiro, autor da vida, criador de tudo e senhor do céu e da terra, o qual está em todas as partes; e é meu desejo que se me erga um templo neste sítio, onde, como mãe piedosa tua e de teus semelhantes, mostrarei minha clemência amorosa e a compaixão que tenho dos naturais e daqueles que me amam e buscam e de todos os que solicitarem meu amparo e me chamarem em seus trabalhos e aflições. Aqui ouvirei suas lágrimas e rogos para dar-lhes consolo e alívio; e para que tenha efeito minha

vontade, hás de ir à cidade do México e, apresentando-te ao bispo que ali reside, dir-lhe-ás que eu te envio e como é meu gosto que se me edifique um templo neste lugar. Referir-lhe-ás quanto viste e ouviste, e tem por certo que te agradecerei o que por mim fizeres, exaltando-te e tornando-te famoso. Já ouviste, filho meu, meu desejo; vai em paz e põe todo o esforço que puderes. Prostrou-se o índio, cheio de respeito e profunda reverência; e tendo oferecido com as mais afetuosas palavras que lhe ditou sua simplicidade fazer exatamente quanto a Senhora lhe mandava, despediu-se dela e tomou o caminho do México. Foi direito ao palácio do bispo, que era então Dom Frei Juan de Zumárraga. Os familiares do ilustríssimo Prelado fizeram pouco caso dele, vendo-o tão pobre e de modos tão inocentes; mas, vencidos de sua constância em esperar entrada, concederam-lha finalmente. Logo que chegou à presença do Bispo, pôs-se de joelhos e deu-lhe sua embaixada, dizendo-lhe como o enviava a Mãe de Deus, a quem havia visto e falado aquela manhã, acrescentando a estas palavras tudo quanto havia passado e a Senhora lhe havia dito. O prudente Prelado, numa matéria tão delicada e exposta a superstições, portou-se com toda a prudência que se podia esperar de sua virtude e sabedoria. Sem desprezá-lo nem exasperá-lo de todo, despediu a Juan Diego, encarregando-lhe que voltasse mais adiante e que entretanto ele consideraria melhor aquele negócio. Saiu o pobre índio da presença do Bispo sumamente desconsolado, não tanto pelo pouco apreço que havia visto fazerem de sua pessoa, como por ver sem efeito algum a pretensão e desejos da Senhora. Com este desconsolo deu-lhe parte, no mesmo lugar em que a havia visto pela manhã, de quanto lhe havia passado com o Bispo e do desprezo com que o haviam olhado. Mas suas palavras, traduzidas fielmente pelo beneficiado Tanco do idioma mexicano primitivo, segundo os naturais o conservavam em suas histórias, dizem melhor que quanto se pode encarecer os sentimentos do índio, sua simplicidade e reverência, e conservam ao mesmo tempo a graça e ternura de uma língua muito semelhante às asiáticas. Juan Diego, pois, tendo voltado à tarde ao mesmo sítio em que viu e falou à Virgem Maria pela manhã, encontrou a Senhora, que esperava a resposta e, prostrando-se a seus pés com um profundo respeito, disse-lhe assim: Menina minha muito querida, minha Rainha e altíssima Senhora, fiz o que me mandaste; e ainda que não tive logo entrada a ver e falar ao Bispo até depois de muito tempo, tendo-o visto, dei-lhe tua embaixada na forma que me ordenaste: ouviu-me aprazível e com atenção; mas pelo que vi nele e segundo as perguntas que me fez, colegi que não me havia dado crédito, porque me disse que voltasse outra vez para inquirir de mim mais devagar o negócio a que ia e esquadrinhá-lo muito de raiz. Presumiu que o templo que me pedes se te erga é ficção minha ou antolho meu, e não vontade tua: e assim te rogo que envies para isto alguma pessoa nobre e principal, digna de respeito, a quem se deva dar crédito; porque já vês, senhora minha, que sou um pobre vilão, homem humilde e plebeu, e que não é para mim este negócio a que me envias: perdoa, Rainha minha, meu atrevimento, se em algo excedi o decoro que se deve a tua grandeza, não seja que eu tenha caído em tua indignação ou te tenha sido desagradável com minha resposta.

Ouviu a Senhora com suma benignidade a resposta do índio e, depois de havê-lo assegurado de como tinha milhares de Anjos que executassem suas ordens se queria servir-se deles, mandou-lhe que voltasse segunda vez e desse ao Bispo a mesma mensagem. Não obstante Juan Diego haver feito suas humildes representações a Maria santíssima, temeroso de que lhe sucedesse o que a primeira vez, com tudo isso prometeu obedecer à Senhora e trazer-lhe a resposta segundo lha desse o Bispo. Voltou ao palácio deste, domingo, dia 10 de dezembro, e ainda que nos familiares encontrou a mesma acolhida que a vez primeira, o venerável Prelado tratou-o de muito diferente

modo, pois o recebeu com uma espécie de veneração cheia de agasalho e de carinho.

O índio, posto de joelhos diante do Bispo, disse-lhe, afogado em lágrimas, como havia visto segunda vez a Mãe de Deus no mesmo lugar que a primeira; que lhe havia repetido o mesmo encargo sobre a edificação do templo e principalmente lhe havia encomendado muito que lhe certificasse de como era a Mãe de Jesus Cristo e a sempre Virgem Maria aquela que o enviava. O Bispo lhe fez muitas perguntas sobre todas as partes que continha sua proposta, a todas as quais satisfez o índio com uma simplicidade que acreditava ser verdade tudo o que dizia. A última resolução do Prelado foi que dissesse à Senhora que lhe desse alguns sinais por onde pudessem vir em conhecimento de que era verdade que a Mãe de Deus o enviava. Perguntou-lhe o índio que sinal queria para pedi-lo à Senhora; pergunta cheia de sinceridade que acabou de convencer o Prelado de que naquela matéria estava o céu verdadeiramente interessado. Mas, temeroso sempre de algum engano em matéria tão importante, chamou alguns de seus familiares e, falando-lhes com cautela, mandou-lhes que seguissem o índio logo que ele o houvesse despedido, que notassem cuidadosamente quanto lhe sucedesse para dar-lhe depois exata conta. Despediu o índio o Bispo, seguiram-no seus familiares; mas apenas chegou a uma ponte que perto do cerrinho tem um rio que desagua na lagoa, desapareceu Juan, sem que os criados pudessem tornar a vê-lo mais. Registraram com toda a diligência o cerro e, não encontrando rastro de semelhante homem, voltaram a seu amo, assegurando-lhe que o índio era um embusteiro e que como tal devia castigá-lo se outra vez tivesse o atrevimento de voltar a sua presença. Logo que Juan Diego desapareceu da vista dos criados, não por malícia ou artifício seu, mas porque o céu havia determinado que naquele prodígio não houvesse mais testemunhas que aquele índio simples e humilde, encaminhou-se ao sítio onde o esperava Maria santíssima. Prostrou-se em sua presença, referiu quanto lhe havia passado com o Bispo e como lhe havia mandado que lhe pedisse um sinal certo pelo qual se conhecesse que era a Mãe de Deus quem o enviava e que era vontade sua que naquele cerro se lhe edificasse um templo. Maria santíssima mostrou-se muito agradecida e com palavras muito carinhosas encarregou a Juan Diego que voltasse no dia seguinte àquele próprio sítio, onde lhe daria o sinal pelo qual fosse crido. Prometeu voltar no dia seguinte e despediu-se com os sinais de maior humildade e reverência. Não pôde cumprir o prometido no dia seguinte; porque, tendo caído enfermo um tio seu, chegou a estar naquele dia de tanto perigo que pediu a seu sobrinho Juan Diego que fosse ao convento de Santiago buscar um religioso que lhe administrasse os Sacramentos, a cuja justa petição não pôde negar-se. Nisto passou a segunda-feira 11 de dezembro e, na madrugada do dia 12, pôs-se a caminho para o referido convento, com ânimo de dar a seu tio o consolo que pedia, trazendo-lhe ele em pessoa um religioso que lhe administrasse os Sacramentos.

Ao tempo de romper o alvor chegava pontualmente à falda do montezinho onde lhe havia aparecido Nossa Senhora. Então se lembrou de sua infidelidade e de como, tendo prometido a Maria santíssima voltar a tomar o sinal, havia faltado a sua palavra. Temeu alguma áspera repreensão se encontrasse a Senhora e, para evitá-la, tomou outra vereda, julgando com simplicidade que esta só diligência bastaria para que Maria santíssima não o encontrasse. Julgou em seu coração que era diligência mais precisa a que lhe ordenava a caridade de socorrer espiritualmente a seu tio que cumprir um mandamento da Mãe de Deus, ainda que tão cheio de prodígios. Esta persuasão o fez preferir uma coisa à outra; mas sempre conservava em sua alma uma simples determinação de voltar a cumprir à Virgem Maria o que lhe havia prometido, logo que

houvesse levado a seu tio enfermo as medicinas espirituais de que tanto necessitava. Entre receios e temores caminhava o índio quando viu a Mãe de Deus baixar do cume do montezinho para sair-lhe ao encontro. Baixava rodeada de uma nuvem resplandecente, que despedia de si muita luz na mesma forma que a viu a vez primeira e, logo que esteve perto de Juan Diego, disse-lhe: Aonde vais, filho meu, e que caminho é o que tomaste? Confuso o índio, temeroso e cheio de turbação, prostrou-se a seus pés sacratíssimos e com palavras ditadas pela mesma simplicidade disse-lhe assim: Menina minha muito amada e Senhora minha, Deus te guarde: como amanheceste? Estás com saúde? Não tomes desgosto do que disser. Sabe, senhora minha, que está enfermo de perigo um servo teu e tio meu, de um acidente grave e mortal, e porque se vê muito fatigado, vou de pressa ao templo de Tlatelolco na cidade a chamar um sacerdote para que venha confessá-lo e ungi-lo; e depois de haver feito esta diligência voltarei por este lugar a obedecer teu mandato. Perdoa-me, te rogo, Senhora minha, e tem um pouco de sofrimento, que não me escuso de fazer o que mandaste a este servo teu, nem é desculpa fingida a que te dou, que amanhã voltarei sem falta. A Rainha dos Anjos admitiu sua desculpa e, tendo-o certificado de que naquela mesma hora se achava já são seu tio, Juan Diego o creu sem o menor receio: dispôs-se a voltar outra vez ao Bispo e pediu-lhe que lhe desse o sinal concertado. Ordenou-lhe Maria santíssima que subisse ao cume do cerro e que recolhesse as rosas que ali encontrasse e, recolhendo-as em sua capa, as levasse a sua presença, e lhe diria o que devia fazer e dizer. Não obstante saber Juan Diego que por aqueles penhascos não havia flores algumas, nem ali se produzia outra coisa que abrolhos, obedeceu sem replicar e, subindo ao cume do cerrinho, encontrou-se com um vergel cheio de rosas tão frescas e recentes como poderia havê-las na primavera. Cortou quantas cabiam na capa ou tilma que levava sobre seus ombros e apresentou-se a Maria santíssima, que o esperava ao pé de uma árvore. Chegou o índio e, pondo-se de joelhos diante da Mãe de Deus, mostrou-lhe as rosas. Então a Senhora as tomou com suas mãos e, voltando a deixá-las cair na tilma, disse-lhe: Este é o sinal que hás de levar ao Bispo, a quem dirás que, por sinais destas rosas, faça o que lhe ordeno. Tem cuidado, filho, com isto que te digo e adverte que faço confiança de ti. Não mostres a pessoa alguma no caminho o que levas, nem desdobres tua capa senão na presença do Bispo, e dize-lhe o que te mandei fazer agora, e com isto lhe porás ânimo para que ponha por obra meu templo. Despediu-se o índio de Maria e, muito regozijado, encaminhou-se ao palácio do Bispo, com grande confiança de que, logo que visse o sinal, havia de ser crido. Pelo caminho ia de quando em quando olhando as flores, recreando-se com sua fragrância e formosura.

Tendo chegado ao palácio do Bispo, solicitou, como outras vezes, falar-lhe e foi também detido e desatendido da mesma maneira. Enquanto esperava, advertiram os criados que levava na tilma alguma coisa, e o demasiado cuidado com que procurava encobri-la despertou neles a curiosidade de averiguar que coisa era. Resistiu o índio quanto pôde; mas, forcejando, advertiram os criados que eram rosas e, ao quererem tomar-lhe algumas, acharam-se burlados, porque advertiram que estavam pintadas na tilma. Deram conta ao Bispo; e entrando Juan Diego à sua presença, deu-lhe a embaixada da parte de Maria santíssima, dizendo-lhe: Que aquele era o sinal que lhe havia dado de que era sua vontade que se lhe edificasse um templo. Ao dizer isto, desdobrou a tilma: apareceu nela uma formosíssima imagem de Maria santíssima, nem bem se sabe se tecida ou pintada, e dela caiu uma porção de rosas no chão, tão frescas que tinham ainda o orvalho com que haviam sido cortadas. Ficou o Bispo atônito à vista de semelhantes prodígios; nem bem sabia se admirar as flores num tempo o mais cru do inverno em que absolutamente eram impossíveis, ou a

imagem santa pintada e disposta de maneira que parecia obra de Anjos. Um assombro reverente apoderou-se de seu coração e, reconhecendo que naquelas coisas obrava o dedo de Deus e mediava a virtude divina, venerou a santa imagem, mandou colocá-la em seu oratório, e em breve tempo divulgou-se pela cidade a fama daquele prodígio. Todo aquele dia permaneceu Juan Diego no palácio do Bispo, fazendo-lhe este muitos agasalhos, como a pessoa a quem considerava sumamente favorecida da Rainha dos Anjos. No dia seguinte foi o mesmo Prelado em sua companhia para que assinalasse o sítio em que lhe havia aparecido aquela Senhora e onde havia mandado que se lhe edificasse o templo. Logo que o assinalou, Juan Diego manifestou ao Bispo o cuidado que tinha pela saúde de seu tio, a quem havia deixado enfermo de perigo. Pediu-lhe licença para ir vê-lo; e o Bispo, que estava já ciente do que havia passado na última aparição e de como Maria santíssima lhe havia certificado de que já estava são naquela hora, enviou com o índio alguns familiares seus, pessoas de inteligência e respeito, para que examinassem e se informassem bem daquele caso. O que resultou destes foi achar Juan Bernardino, que assim se chamava o tio do índio, perfeitamente são e como se nunca houvesse padecido aquela enfermidade. Fizeram os espanhóis escrupulosas investigações sobre a hora em que havia sentido a melhora e acharam pontualmente que havia sido a mesma em que a Mãe de Deus o havia assegurado. Ciente de tudo o Bispo, levou os índios a seu palácio como a pessoas dignas da maior veneração por haverem intervindo naqueles prodígios do céu. No princípio teve em seu oratório a milagrosa imagem; mas, vendo o inumerável concurso de pessoas que vinham a venerá-la, fez que se trasladasse à igreja maior, onde permaneceu enquanto se lhe edificou uma decente capela. Concluída esta, trasladou-se a ela a imagem milagrosa com uma procissão solenissima, e naquele sítio receberam os mexicanos tantos favores da misericordiosa Senhora, e os recebem cada dia, que veem perfeitamente cumpridas as promessas que fez a Rainha dos Anjos ao venturoso índio Juan Diego.

Missa (oração)

A missa é própria da festividade, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Deus, qui sub beatissimæ Virginis Mariæ singulari patrocinio constitutos perpetuis beneficiis nos cumulari voluisti: præsta supplicibus tuis; ut cujus hodie commemoratione lætamur in terris, ejus conspectu perfruamur in cælis. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que quisestes que, postos sob o singular patrocínio da bem-aventurada Virgem Maria, fôssemos cumulados de benefícios perpétuos, concedei a vossos humildes servos que, já que neste dia nos alegramos com sua comemoração na terra, cheguemos a gozar de sua presença no céu. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 24 do Eclesiástico.

Eclesiástico 24,23-31

> **Latim:** 23 Ego quasi vitis fructificavi suavitatem odoris : et flores mei fructus honoris et honestatis. 24 Ego mater pulchræ dilectionis, et timoris, et agnitionis, et sanctæ spei. 25 In me gratia omnis viæ et veritatis : in me omnis spes vitæ et virtutis. 26 Transite ad me, omnes qui concupiscitis me, et a generationibus meis implemini : 27 spiritus enim meus super mel dulcis, et hæreditas mea super mel et favum. 28 Memoria mea in generatione sæculorum. 29 Qui edunt me, adhuc esurient, et qui bibunt me, adhuc sitient. 30 Qui audit me non confundetur, et qui operantur in me non peccabunt : 31 qui elucidant me, vitam æternam habebunt.

Português: 23 Eu como vide lancei flores dum agradável cheiro: E as minhas flores são frutos de honra e de honestidade. 24 Eu sou a mãe do amor formoso, e do temor, e do conhecimento, e da santa esperança. 25 Em mim há tôda a graça do caminho e da verdade, em mim tôda a esperança da vida e da virtude. 26 Passai-vos a mim todos os que me cobiçais, e enchei-vos dos meus frutos: 27 Porque o meu espírito é mais doce do que o mel, e a minha herança vence em doçura o mel e o favo. 28 A minha memória durará por tôdas as gerações dos séculos. 29 Aquêles que me comem, terão ainda fome: E os que me bebem, terão ainda sêde. 30 Aquêle que me ouve, não será confundido: E os que obram por mim, não pecarão. 31 Aquêles que me esclarecem, terão a vida eterna.

Reflexões

Ao ver os prodígios que fez a divina Onipotência para assegurar aos homens a proteção e patrocínio de sua Mãe, a Virgem Maria, surpreende-se qualquer entendimento criado e abisma-se entre a confusão e o agradecimento. Somente o fato que se refere na aparição deste dia está tão cheio de maravilhas que basta para levar atrás de si todas as nossas admirações. Mas se ao mesmo tempo refletimos no que se diz na Epístola deste dia, que, segundo a inteligência da santa madre Igreja, se entende também da Mãe de Deus, acharemos que nossas admirações nascem em sua maior parte de falta de consideração da dignidade do cristão e de que nosso Deus é um Deus de piedade infinita. Embriagados com os prazeres terrenos, ocupados unicamente com os interesses perecíveis, não fixamos a consideração senão na carne e sangue. Por isso se nos faz um prodígio e uma maravilha que Deus seja benéfico e misericordioso e que sua Mãe santíssima se pareça tão perfeitamente a seu Filho. Se o conhecer isto pendesse da aquisição de algumas ciências difíceis e embaraçosas, que necessitassem muitos anos de meditação para seu logro, já

poderíamos ter alguma desculpa; mas a lástima é que a eterna Sabedoria nos fez a ciência da salvação uma ciência fácil, e nós deixamos de perceber suas máximas por falta de atenção e reflexões. Porque como poderíamos estranhar que a Mãe de Deus aparecesse a um índio simples e humilde se considerássemos o que da própria Rainha dos Anjos nos diz a Igreja na Epístola deste dia? *Eu frutifiquei*, diz, *como a videira, suavidade de odor, e minhas flores são frutos de honra e honestidade. Eu sou mãe do amor formoso, do temor, do conhecimento e da santa esperança. Em mim se encontra toda graça de caminho e de verdade; em mim toda esperança de vida e de virtude.*

Destas palavras só se deduzem facilmente todas as obras benéficas de Maria por maravilhosas que sejam. Porque que estranho é que apareça a Juan Diego e o cumule de seus favores, sendo mãe do amor formoso, em quem encontram os homens a mais benigna acolhida? Que estranho é que, desprezando os nobres e poderosos do mundo, queira aparecer a um personagem tão obscuro e desconhecido, tendo em si todas as graças, sendo o depósito da virtude e da vida? Por ventura seriam mais a propósito para receber os favores inefáveis da Rainha do céu aqueles fantasmas do mundo, repletos de vaidade e de soberba, que um humilde e simples índio cuja alma estava cheia de fé e de pureza? Será digno de admiração que dê por sinal da veracidade de sua aparição e de sua vontade santa umas flores milagrosas aquela que está rodeada de fragrâncias e aromas com a videira frutífera e abunda das flores de honra e honestidade que nela são inseparáveis dos frutos? Consideradas com reflexão estas coisas, resulta que a Mãe de Deus não pode obrar de outra maneira: que em semelhantes aparições manifesta bem que é Mãe de Deus e nossa; e que nós não conhecemos nossa felicidade porque não refletimos sobre ela. Ensoberbecemo-nos e engrandecemo-nos ostentando os escudos de armas de nossos avós; e uma linhagem perecível ou uma ascendência que já não existe ocupam nossas atenções e nos fazem crer que por elas somos algo de proveito no mundo. Ao mesmo tempo nos diz Maria santíssima que é mãe nossa, que nos ama como a filhos e que tem em si um depósito de todas as graças para favorecer-nos. Insinua-nos que não podemos ter esperança, contanto que esteja bem fundada, que não conte com suas misericórdias e patrocínio: que nos temores que nos oprimem nesta vida, em que nossos inimigos nos rodeiam de contínuo para devorar-nos, nada pode dar uma verdadeira tranquilidade a nosso coração senão sua piedade maternal e a confiança em sua misericórdia. Não obstante isto, nós apenas nos lembramos de tal Mãe senão para faltar-lhe ao respeito ou para ofendê-la com uma temerária e sacrílega confiança. Isto consiste em falta de reflexão, num falso conceito que se forma da piedade, numa ideia equivocada que temos da devoção; numa palavra, em falta de reflexão e conhecimento; e assim exclamava bem o Profeta quando dizia: *A terra está desolada com desolação, porque não há ninguém que pense dentro de seu coração e reflita.* O descobrimento desta enfermidade está feito: indicaram-se igualmente as mortíferas causas de onde provém; por último, assinalou-se a verdadeira medicina; na mão do cristão está a cura da dolência.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 1 de São Lucas.

Lucas 1,39-47

> **Latim:** 39 Exsurgens autem Maria in diebus illis, abiit in montana cum festinatione, in civitatem Juda : 40 et intravit in domum Zachariæ, et salutavit Elisabeth. 41 Et factum est, ut audivit salutationem Mariæ Elisabeth, exsultavit infans in utero ejus : et repleta est Spiritu Sancto Elisabeth : 42 et exclamavit voce magna, et dixit : Benedicta tu inter mulieres, et benedictus fructus ventris tui. 43 Et unde hoc mihi, ut veniat mater Domini mei ad me ? 44 Ecce enim ut facta est vox salutationis tuæ in auribus meis, exsultavit in gaudio infans in utero meo. 45 Et beata, quæ credidisti, quoniam perficientur ea, quæ dicta sunt tibi a Domino. 46 Et ait Maria : Magnificat anima mea Dominum : 47 et exsultavit spiritus meus in Deo salutari meo.

Português: 39 E naquelles dias, levantando-se Maria, foi com pressa ás montanhas, a huma cidade de Juda: 40 e entrou em casa de Zacarias, e saudou a Isabel. 41 E aconteceu que tanto que Isabel ouviu a saudação de Maria, deo o menino saltos no seu ventre: e Isabel ficou cheia do Espírito Santo: 42 e bradou em alta voz, e disse: Benta és tu entre as mulheres, e bento he o fruto do teu ventre. 43 E donde a mim esta dita, que venha visitar-me a que he mãi de meu Senhor? 44 Porque assim que chegou a voz da tua saudação aos meus ouvidos, logo o menino deo saltos de prazer no meu ventre. 45 E bemaventurado tu, que creste, porque se hão de cumprir as cousas, que da parte do Senhor te forão ditas. 46 Então disse Maria: A minha alma engrandece ao Senhor: 47 e o meu espírito se alegrou por extremo em Deos meu Salvador.

Meditação

Sobre a verdadeira e sólida devoção que se deve ter a Maria santíssima

Primeiro ponto

Considera que na Mãe de Deus tens o remédio de todos os teus males e o refúgio mais seguro em todas as tuas necessidades; mas que, ao mesmo tempo que isto é verdadeiro, deve ser também sólida e regrada pelas máximas do Evangelho aquela devoção com que pretendes conseguir os favores de Maria.

Para conseguir isto, hás de considerar na santa Virgem sua dignidade, o que merece por ela e a que nos excita; e destas três coisas resultará uma devoção pura e santa e um obséquio racional, como desejava o Apóstolo escrevendo aos romanos (cap. 12). Para fazer um justo conceito do primeiro, não tens mais que considerá-la como Mãe de Deus. Esta dignidade é tão grande por si mesma que com razão lhe atribuem os santos Padres um não sei quê de infinito, em que se abisma

o humano entendimento sem poder chegar a compreender suas prerrogativas. Conhece, sim, que o ser Maria Mãe de Deus lhe dá uma dignidade e preço superiores a todas as criaturas, que entre tudo o criado nada pode chegar a dar uma leve ideia da alteza de sua dignidade, e que por ela concebemos justamente em Maria tudo o que não é Deus, contanto que seja perfeição e graça; que é dizer, concebemo-la grande e perfeita até um grau tão sublime que só tenha acima de si a divindade. Mas uma perfeição tão grande não a podia sustentar Maria sem um cúmulo prodigioso de virtudes; e assim, cumulada de graças no instante de sua Conceição, esteve crescendo em graça e em virtude todo o discurso de sua preciosa vida, até que foi trasladada a reinar com seu Filho. Mãe de Deus e perfeitamente santa, apresentar-se-á Maria a teu entendimento como uma medianeira e advogada tua junto a seu Filho Jesus Cristo, em quem possas depositar todos os teus cuidados e todas as tuas confianças. Por esta parte será sólida tua devoção, venerando a Maria como a criatura mais perfeita, admirando-a como cheia de todas as graças e amando-a ternamente como a tua Mãe e tua protetora. Por esta dignidade sublime merece Maria santíssima um culto e veneração inferior ao que se dá a Deus, mas superior ao que se tributa aos Anjos e Santos. Este culto particular que se dá à Virgem se chama hiperdulia; cujo caráter é fácil de conceber se se considera o que é culto e as causas por que se dá. Culto não é outra coisa que uma honra concebida no íntimo do coração e protestada com sinais exteriores que se oferece a algum objeto em testemunho de sua excelência. Esta é a causa principal do culto e a medida por onde se deve taxá-lo. Segundo a excelência que se ache no objeto a quem se tributam adorações, assim deve ser o culto: a Deus, como a ser supremo e infinito, deve-se adorá-lo de um modo superior a todas as criaturas; a Maria santíssima, menos que a Deus; e aos Anjos e Santos, menos que a Maria santíssima. Tua devoção a esta Senhora será regrada e perfeita no que toca a esta matéria se sabes fazer uma discreta separação de suas graças e virtudes, de maneira que as coloques em lugar superior às de todos os bem-aventurados; mas que de nenhuma maneira chegues a confundi-las com a grandeza do Ser supremo nem a atribuir a Maria santíssima sacrilegamente os dotes que são próprios da divindade. Suposto que Maria santíssima é Mãe de Deus e que como tal é nossa protetora e advogada, segue-se naturalmente a consequência de que procuremos imitar suas virtudes. Eis aqui o capítulo principal por onde se constitui a verdadeira devoção que devemos ter a Maria. Em vão te contas entre seus devotos se, conhecendo sua grandeza e venerando suas virtudes, recusas ou te descuidas em imitá-las. Tua devoção em tal caso será um mero fantasma, cujas aparências exteriores serão de piedade, mas cuja essência verdadeira não será outra coisa que impiedade e indevoção.

Segundo ponto

Considera que no instante em que te declares por devoto de Maria e comeces a pôr por obra os afetos de teu coração, no mesmo instante verás levantar-se contra ti uma multidão de queixas em que te verás condenado por supersticioso; mas considera ao mesmo tempo que, sendo semelhantes queixas produções da impiedade, não devem inquietar teus projetos, mas confirmar-te mais e mais na verdadeira e sólida devoção de Maria.

A depravação humana chegou a tal ponto de excesso, principalmente nos tristes dias em que vivemos, que não deixou pedra alguma por mover para retrair os fiéis dos caminhos da salvação.

Como os que fazem as vezes do comum inimigo e lhe servem de instrumento em suas operações participam de uma astúcia propriamente diabólica, conheceram muito bem que o caminho mais oportuno para lograr suas depravadas intenções e retrair os Cristãos dos exercícios piedosos era fazê-los olhar com desconfiança. Para este efeito valeram-se de todas as astúcias imagináveis e até a própria piedade e sabedoria as fizeram tomar parte, a despeito sua, em tão criminosos intentos. Com uma ciência aparentemente religiosa, mas verdadeiramente carnal e ímpia, puseram-se a esquadrinhar os atos de devoção que se praticam com a Virgem Maria. Chamaram em seu socorro uma piedade severa, rigorosa, inexorável, bem diferente da que adota a religião instituída por Jesus Cristo. Estabeleceram umas regras cruéis, formadas a seu antolho e capricho; e segundo elas declararam que a Maria santíssima se a olha pelos fiéis e se a adora não como a uma criatura muito santa, mas como se fosse a própria divindade. Que embriagados os fiéis com esta preocupação, não duvidaram nem duvidam dar-lhe nomes magníficos que de nenhuma maneira lhe convêm, quais são: Medianeira nossa, Reparadora e Corredentora dos homens. Por último, declaram que se lhe atribuem privilégios por uma autoridade humana, popular e mal entendida, que nem nos Concílios, nem na tradição, nem nas Escrituras lhe atribui o Espírito Santo. Assim combate a impiedade a sólida devoção; mas tu, ó cristão, mantém-te firme nela, bem instruído de que o culto que se dá a Maria santíssima não é outro que o que lhe convém. Quereriam os incrédulos e desapiedados que não se lhe tributasse nenhum, porque lhes dói intimamente ver que os Cristãos se enfervorizam e concebem grande ternura reverenciando tão piedosa Mãe; mas deveria contê-los em suas sacrílegas queixas ver que até agora não houve cristão, ou tão ignorante ou tão supersticioso, que oferecesse a Maria sacrifícios. De resto, ver os santos Padres que, considerando a alta dignidade que reside em Maria por ser Mãe de Deus, não acham vozes a propósito com que explicá-la, devem acalmar todos os seus receios. Não duvides chamar a Virgem santíssima reparadora do gênero humano e medianeira entre Deus e os homens, como a chama São Bernardo, suposto que não duvidas chamá-la Mãe de Deus, como no-lo manda a fé. Despreza, pois, com ânimo valoroso os injustos clamores dos ímpios; reconhece na Mãe de Deus um título justo para atribuir-lhe todos os privilégios, por grandes que sejam; e sob estes princípios conserva-lhe uma devoção terna como a tua protetora, como a tua advogada e, o que é mais, como a Mãe tua.

Jaculatórias

Ó Senhor, eu sou servo teu e sou também filho de tua serva. (Sl 115.)

Salvai, Senhor, o filho de vossa serva: fazei comigo um milagre de vossa graça que resulte em minha ventura, para que o vejam os que me aborrecem e se confundam ao ver em vós tanta misericórdia. (Sl 85.)

Propósitos

Viste, ó cristão, na história da aparição de Maria santíssima ao venturoso índio Juan Diego o amor maternal com que esta Senhora olhou sempre os espanhóis, fazendo-se protetora não menos de

suas conquistas espirituais que das temporais, que acresciam seu poder e glória. Viste também nas meditações que deves pagar a esta Senhora os esforços de seu amor com uma devoção sólida e regrada pelas máximas do Evangelho. Por conseguinte, nada te resta senão deduzir de tudo umas salutares consequências que ilustrem e assegurem tua fé e espalhem luz sobre os caminhos por onde te apressas para chegar à pátria celestial. Há poucas coisas na Igreja católica que tragam tanto proveito ao cristão como uma verdadeira devoção à Mãe de Deus: as repetidas decisões com que declararam os Concílios quanto concernia à dignidade, santidade e grandeza desta feliz criatura; o exemplo mesmo da Igreja, que não se cansa jamais de dedicar-lhe cultos e festividades, celebrando não somente seus mistérios, mas suas aparições e particulares benefícios; e, por último, o exemplo de todos os Santos e Padres da Igreja, que tinham toda a sua consolação na devoção de Maria, provam que esta é uma prática salutar de um preço e utilidade quase infinita. Mas, para lograr todo o proveito que contém, deves fixar-te naqueles fundamentos sólidos e verdadeiros que te ensina a Religião. Hás de considerar a grande excelência da Mãe de Deus por só este glorioso título: hás de considerar as perfeitíssimas ações de toda a sua vida, com as quais se fez credora a que toda a beatíssima Trindade se empenhasse em dispensar-lhe suas graças. E por último, hás de fixar tua consideração em seus exemplos, os quais, se chegares a imitá-los com perfeição, bastam para assegurar-te uma felicidade eterna. De todas estas considerações resultará uma veneração e um culto racional com que reverenciarás sua sagrada pessoa como sublimada sobre os coros dos Anjos e levantada por seu Filho ao honroso grau de Rainha dos céus e da terra; buscarás com ânsia todos os meios e modos de propagar seu culto, já persuadindo aos fiéis seu proveito com exemplos e com razões, já desterrando dos menos cautos aquela tibieza criminosa que causaram neles as queixas dos ímpios. Terás em sua misericórdia uma confiança salutar, conhecendo que a que é Mãe de Deus e padeceu juntamente com seu filho Jesus Cristo tantos e tão penosos trabalhos para tirar-te do cativeiro de Satanás nenhum outro interesse pode ter que o de tua própria salvação. Por último, porás todos os teus esforços em imitar suas virtudes, sem cujo preciso requisito todo culto lhe é desagradável e não pode deixar de olhar com indignação os que presumem honrá-la de outra maneira. Mas, ó grande Deus, quantos enganos, quanta preocupação se vê nos fiéis sobre uma matéria tão interessante e delicada! Julga-se necedamente que consiste a devoção em umas meras exterioridades, e pretende-se alucinar a Maria, e até o próprio Deus, pensando que hão de qualificar nosso coração e as secretas intenções de nossas almas por uma obra exterior que é efeito do costume. Trazer um hábito de uma religião ou alguma de suas particulares insígnias; mandar-se sentar por irmão de uma confraria ou irmandade dedicada à Rainha dos Anjos; rezar-lhe sem atenção particular, antes com uma total distração, o rosário, o escapulário ou a correia, tem-se vulgarmente por uma verdadeira devoção a Maria. Há muitas pessoas que levam tão adiante esta preocupação que, confiadas nela, não temem viver uma vida escandalosa, alimentando ao mesmo tempo a néscia esperança de ser gratas à Virgem santíssima. Isto é um erro, é um engano, é uma temeridade, e até se poderia dizer, é uma pretensão sacrílega. Desengana-te, ó cristão: a Mãe da Justiça eterna e da eterna verdade não pode comprazer-se nem agradar-se senão de uma devoção verdadeira e simples, nem estarão em sua graça jamais os que, ao tempo de invocá-la, não abominam sua vida criminosa e se convertem deveras a Deus.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:50 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:50 by Admin